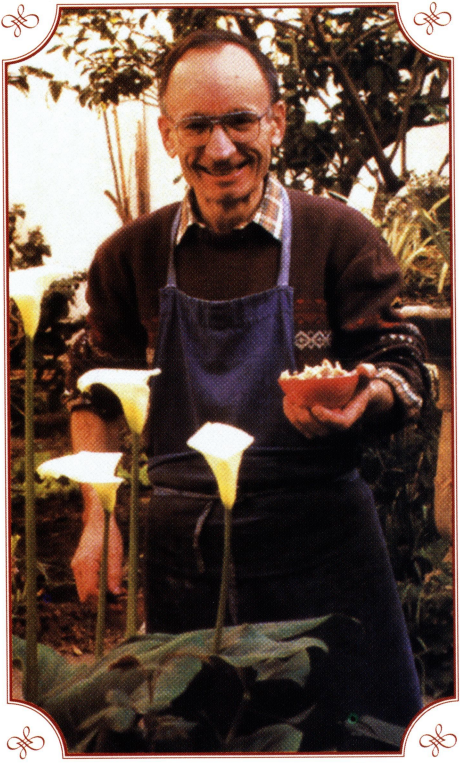

Ir. Henri Vergès

1930-1994

Pequeno Irmão de Maria,
testemunha de amor
ao serviço dos jovens argelinos
durante 25 anos

Itinerário de uma vida

Irrupção

Henrique (Henri) nasceu a 15 de julho de 1930, em Matemale (Pireneus Orientais), aldeia do Capcir, na encosta de Aude, a 1500 metros de altitude. Era o primogênito dos seis filhos da família de José Vergès e de Matilde Bournet, modestos camponeses. Seu pai foi eleito prefeito do povoado. Sua mãe, totalmente votada ao lar, sabia dar atenção aos vizinhos pobres. Dessas raízes humanas ele colheu o sentido do trabalho, da simplicidade, da retidão, da resistência moral, da partilha.

Ocultação

Aos 12 anos deixa os seus pais para iniciar o aprendizado da vida marista, primeiro em Espira de l'Agly, perto de Perpignan, depois em Saint-Paul-Trois~Châteaux, na Drôme provençal. Primeira profissão religiosa em 1946, seguida de um ano preparatório ao exame do Brevê elementar, em N.S.ª de l'Hermitage, perto de Saint-Chamond (Loire), na casa construída por São Marcelino Champagnat, fundador dos Irmãos. Henrique começa seu apostolado de Irmão-professor em outubro de 1947, em Saint-Geniez-d'Olt, no Aveyron. Sua saúde não resiste a um trabalho intenso e a uma alimentação demasiado frugal. Festeja seus 20 anos em Osseja, sanatório perto de sua terra natal. É um tempo de aprofundamento de sua vida religiosa.

Amadurecimento

A 26 de agosto 1952, Henrique emite os votos perpétuos como Irmãozinho de Maria. Começa nova etapa de educador e professor em diversas escolas do Ardèche, em Cheylard e Aubenas. De 1958 a 1966, é Vice-Mestre dos Noviços, em Notre-Dame de Lacabane, em Corrèze. Com tenacidade de campônio, continua sua formação até se licenciar em Filosofia. Após o Capítulo Geral de 1967-68, do qual participa como delegado de sua Província de origem, o Superior lhe pede para ir a Argélia. Henrique aceita de bom grado: há muito tempo que desejava ir às missões. Empenha-se resolutamente em estudar o árabe durante suas férias de verão em família e desembarca em Argel, a 6 de agosto de 1969, festa da Transfiguração.

Desabrochamento

Sua presença na Argélia, durante 25 anos, conhece três etapas principais:

- 1969-1976: Escola São Boaventura, em Argel. Henrique assume a direção durante 6 anos, até a nacionalização.
- 1976-1988: Em Sour-El-Ghozlane, como professor de Matemáticas principalmente.
- 1988-1994: Argel, Rua Ben Cheneb, no quarteirão da Casbah, como responsável pela Biblioteca freqüentada por mais de mil estudantes do Liceu.

No seu birô de trabalho foi assassinado, a 8 de maio de 1994, pouco depois do meio-dia, com a Irmãzinha Paula-Helena.

"O caríssimo Irmão Henrique foi testemunha autêntica do amor de Cristo, do abandono total à Igreja e da fidelidade ao povo argelino." (Palavras do Cardeal Duval, quando das exéquias, em Nossa Senhora da África, a 12 de maio de 1994, festa da Ascensão do Senhor.)

Alguns textos de Henrique

A pedido do Ir. Basílio Rueda, Superior-Geral, Henrique escreveu uma autobiografia, datada do 1.° domingo do Advento de 1978. Eis a conclusão:

"HISTÓRIA DE AMOR

.. Deus seja louvado, e a Virgem Maria, por me terem chamado, por me terem dado esta graça da fidelidade bem simples, à qual procuro responder do melhor modo possível. Obrigado aos meus Irmãos que me permitiram, por sua própria fidelidade, às vezes por sua fraqueza, que eu respondesse melhor ao apelo de Deus, incluindo alguns que deixaram o Instituto e continuam, para mim, muito queridos... Mistério... Obrigado a meus pais, a minha família, a tantos amigos – sobretudo sacerdotes e religiosos(as) – que me treinaram neste caminho do Amor. História de Amor que continua: que o Deus fiel nos conserve fiéis. FIAT, MAGNIFICAT."

Uns dez anos depois, Henrique aceita escrever seu caminho espiritual "na casa do Islão". Termina assim:

Henri, com Dom Henri Teissier, arcebispo de Alger, com o P. Christian (assassinado em 21 de maio de 1996), prior de Tibhirine e Dom Pierre Claverie, bispo de Oran (assassinado no dia 1.º de agosto de 1996).

"Em resumo, foi meu compromisso marista que me permitiu, apesar de minhas limitações, inserir-me harmoniosamente em meio muçulmano, e minha vida neste meio, por sua vez, me realizou mais profundamente, como cristão marista. Deus seja louvado!". (Argel, Natal de 1989.)

Por ocasião do Centenário da chegada dos primeiros Irmãos Maristas a Argélia (março de 1891), Henrique havia desfiado a Maria sua dezena de Argélia. Eis algumas passagens:

- *"Este ano, nova etapa: Bab-el-Oued, a Casbah... discretamente perdidos no meio da multidão, eis-nos aqui, contigo, Maria, junto aos pobres, junto aos jovens, presença humilde, sempre querendo ser disponível, irradiação de teu Filho... E já encontros de VISITAÇÃO. Magnificat!*

- *A Biblioteca, esses mil e tantos jovens que acolhemos... essas dezenas de milhares que nos cercam... Multidão ainda im-*

pregnada de fé, mas que ainda duvida de seu futuro... Juventude muitas vezes desamparada do Terceiro Mundo... Possamos nós, Mãe nossa, acender nesses jovens corações a esperança!

O RIBAT, laço da Paz, esse grupo que nos acolhe, desejoso de uma aproximação mais espiritual do Islão e dos Muçulmanos, na vivência cotidiana. Tu caminhas conosco, Maria, às vezes na exaltação dessas maravilhas que se realizam na base, sinal profético, no espírito de fraternidade de Assis ao qual se abre a Igreja de teu Filho".

Alguns apontamentos de Henrique que traduzem sua caminhada espiritual em sua última etapa:
"Velar sobre esse dom que Deus me faz de um simples olhar de adesão total no mais profundo do meu ser ao que ele quer a todo o momento, em toda a circunstância: ser simplesmente verdadeiro, no Amor, na sua Presença. Com a Virgem Maria, me refontizar na irradiação da Eucaristia". (Tibhirine, 17-12-1983.)

"Três critérios de apostolado para o Instituto:
direcionamento aos mais pobres,
educação marial,
apelos da Igreja." (3-4-1984.)

"Fixa teu coração em Deus com Maria."

"Senhor Jesus, entrego-me a ti para ser oferecido em Ti e contigo totalmente ao Pai, no Amor do Espírito Santo. Que minha vontade seja a do Pai sobre mim e que ela possa cumprir-se cada dia até o fim." (Varennes-sur-Allier, julho de 1985.)

1986: ano intenso de arabização – Clarissas-Argel, 22-3-1986:

"Deixar a Paz de Cristo invadir-me sempre mais, no mais íntimo de meu ser. Paciência, bondade comigo mesmo, bondade para com todos, em particular os jovens que o Senhor me confia. Virgem Maria, fazei de mim um instrumento de paz para o mundo."

"Esforço particular, neste ano, para uma atenção mais especial aos mais "desfavorecidos" entre meus alunos. Desde o começo, conhecer cada um por seu nome. 'Adaptar melhor minhas aulas, sobretudo aos mais "carentes", como escrevi ao P. Champagnat." (N-D de l'Hermitage, julho de 1987.)

Quaresma de 1988

"Com a graça do Senhor, acompanhado pela Virgem Maria:

- *calma, paz na presença do Senhor (sobretudo na hora da oração);*
- *bondade com os alunos;*
- *jejum: em particular, nada de sobremesa à tarde;*
- *"aligeirar" um pouco cada dia nosso "equipamento".*

"Minha presença em tal lugar, em tal momento só é necessária na medida em que Deus a quiser para mim e para meus irmãos. Como Jesus, estar totalmente disponível à vontade do Pai. Ser a florzinha que desabrocha onde Deus a plantou ou transportou sobre a terra dos homens, mas sempre irrigada pela água viva do Espírito. Em tudo e sempre ser sim pelo e no SIM de Jesus, como a Virgem Maria." (Escrito em Sour-El-Ghozlane, entre 1986 e 1988.)

"Ser transparência ao Evangelho, transparência do Evangelho. Ser um grão escondido na terra dos homens por onde possa manifestar-se o fermento do Evangelho. Deixar-me transformar cada dia um pouco mais pela Palavra viva do Evangelho: não deixar que o seu gume embote na rotina, na distração, na instalação do conforto. Que ela possa, sem cessar, fazer surgir em mim o homem novo. Ser sempre mais palavra do Evangelho." (Idem.)

"Mais verdadeira uma palavra que vivo do que uma palavra que digo. Aspirar sempre a uma irradiação de ser." (Idem.)

"Paciência, perseverança calma e tranqüila. Como o semeador que confia seu grão à terra e deixa o tempo de Deus fazer sua tarefa. Atitude essencial para um educador, visto que não conheço o ritmo de desenvolvimento de cada um desses jovens: Deus simplesmente me enviou a semear o grão em tal campo

escolhido por Ele: semear, pois, em paz e deixar-lhe o cuidado do crescimento. Sem estranhar a presença da cruz, como na vida do próprio Jesus." (Idem.)

"A semana de oração (com João-Maria) foi para mim ocasião de conversão pessoal. Guardei algumas convicções: se o coração deseja Deus, é que a oração foi boa... Ter esse desejo no seu íntimo e levá-lo sempre mais longe. Cristo deve irradiar através de nós. O quinto evangelho que todo o mundo pode ler é o de nossa vida."
(Encontro n° 12 do Ribat, de 31 de outubro a 2 de novembro de 1984.)

Em Sour-El-Ghozlane, Henrique se pergunta:
"Por que aqui?

- *Porque Deus me enviou para cá.*
- *Porque há um desígnio misterioso de Deus sobre o povo do Islão, um templo de sua presença aonde me convida a entrar, uma abertura recíproca a favorecer, um diálogo entre crentes a promover, a desenvolver. Nossos caminhos em Deus só podem convergir...*
- *Porque minha vocação marista é particularmente adaptada a essa presença escondida, de humilde serviço, de embasamento das fundações sobre que vai descansar o futuro, neste país jovem – nós que somos feitos para os jovens – com Maria, também Ela presente no coração do Islão."*

Alguns testemunhos sobre Henrique

A 5 de julho de 1994, o Padre Christian-Maria, de Chergé, prior de Tibhirine, escrevia a Abade-Geral:

"Eu era pessoalmente muito ligado a Henrique. Sua morte me parece tão natural, tão conforme a uma longa vida, totalmente doada em cada detalhe. Parece-me que ele pertence à categoria dos que chamo "os mártires da esperança", esses de quem quase nunca se fala, porque é na paciência do cotidiano que eles derramam todo seu sangue...". (Citação feita por Dom Bernard Oliveira, Abade-Geral dos Trapistas, em carta enviada a todas as comunidades cistercienses, a 27 de maio de 1999, após a morte dos 7 religiosos de Nossa Senhora de Atlas, entre os quais Christian-Maria, de Chergé).

Do Irmão Michel Voute, companheiro de Henrique, Rua Ben Cheneb, Argel:

"... Tudo nele era clareza, a começar por sua letra tão límpida na forma e no estilo. Tudo servia de pretexto para ele magnificar o Criador. Um verdadeiro Francisco de Assis: louvor e ação de graças eram suas duas formas privilegiadas de oração. E, contudo, quando no começo da refeição, ele pensava que sua oração (o simples sinal-da-cruz) poderia chocar um visitante, amigo argelino muçulmano, ele se abstinha, mas usava uma fórmula corânica de ação de graças. Que delicadeza, atenções deliciosas, sem afetação religiosa, mas atos sempre verdadeiros, autênticos, respeitosos, brotados do seu coração à escuta do Outro e dos outros. Sim, Henrique era um Justo".

Do Irmão André Thizy, Superior Provincial de Henrique (carta aos Irmãos, de 17 de maio de 1994):

"...Henrique estava totalmente preparado para encontrar-se com seu Senhor. No domingo anterior à sua morte, ele fora, com o Irmão Michel, à Trapa de Tibhirine, para uma derradeira "limpeza" (testemunho do Irmão Christian, prior da Trapa.). Seu último testamento é datado de 22 de abril de 1994! Morreu no mesmo dia do encerramento do Sínodo Africano, em que havia posto tanta esperança... Estando sozinho na Argélia durante alguns anos, Henrique achava-se, apesar de tudo, em profunda comunhão com todos os seus Irmãos, mais unido, talvez, que outros ligados à Província... Quem, dentre os que o encontravam, não ficou impressionado com a extrema simplicidade do Irmão Henrique? Verdadeiro asceta, sabia contentar-se com o mínimo, quer na mesa, quer nas coisas pessoais. Entrando em seu quarto, quinta-feira de tarde, fomos surpreendidos com a pobreza que aí reinava; apenas a presença de um transistor e do Corão o distinguia do quarto de Champagnat! 'Aligeirar cada dia um pouco nosso equipamento' (de suas resoluções de retiro).

Março de 1991, em Bem Cheneb: Irmã Paul Hélène colando um livro para ser emprestado.

Muitos de vocês, sem dúvida, poderiam acreditar que Henrique estava

na Argélia porque ele mesmo queria. Os Superiores que o conheceram antes de mim sabem que não era assim. Henrique tinha total disponibilidade. Por ocasião de minha última passagem, em março, quando, apesar dos acontecimentos, ele pensava que sua presença era mais importante que nunca, pôs-se totalmente à minha disposição 'para fazer a vontade de Deus'. 'Lema de meu novo acompanhante espiritual: não peça nada, não recuse nada, aceite tudo' (de suas resoluções de retiro).

D.B., de Sour-el-Ghozlane e amigo de Henrique, escreveu a 9 de maio de 1994:
"O Irmão Henrique deixou um grande vazio. Esse religioso que eu conheci desde 1978 e que era animado de uma fé sincera, encarnava em suas ações os valores e a moral de um cristão convicto. Toda pessoa que, de perto ou de longe, conheceu esse homem, não pode deixar de apreciar sua vida austera, sua dedicação e alinhamento ao lado dos fracos, necessitados e excluídos. Era o homem que não poupava esforço para acudir a essa gente, para reconfortá-los nos seus sofrimentos e nas suas infelicidades".

Do Padre Jean-François Berjonneau (Serviço Nacional de Pastoral dos Migrantes), que se encontrou com Henrique a 25 de março de 1994:
"Percebi no relato que me fez de seu trabalho na Biblioteca uma verdadeira paixão: paixão pelo encontro, paixão pelo serviço desses jovens, paixão que o ligava tão fortemente àquele povo. Essa paixão o acompanhou até o fim".

Quando apareceu o livro "Do Capcir à Casbah, vida doada, sangue vertido", relatando a caminhada de Henrique, alguns leitores reagiram:

Irmãzinha Marie-Nicole, das Irmãzinhas de Jesus, de Bab el Oued. Carta de 15 de julho de 1996, aniversário do Irmão Henrique:
"Henrique permanece para todos nós um homem de fé e de bondade. É isso que impressionava todos os que puderam viver a seu lado. Vejo que esse livro será um tesouro em que se pode encontrar vida e força para o caminho".

Claude Rault, Padre Branco. Carta de 22 de abril de 1996:
"Abri o livro esta manhã com muita emoção e considero-me feliz podendo reler o percurso desse homem do Evangelho, que foi Henrique Vergès. Conhecemo-nos e muitas vezes nos encontramos! Ele permanece a testemunha do amor universal para muitos argelinos".

Irmão Alessandro di Pietro, antigo Postulador-Geral. Roma, 14 de abril de 1996:
"... O jeito de viver do Irmão Henrique foi a melhor maneira de se fazer muçulmano com os muçulmanos, até limites que só a delicadeza evangélica lhe permitia ultrapassar, graças ao amor do Cristo e do irmão".

Padre Bonaventure, Trapista. Aiguebelle, 23 de fevereiro de 1996:
"O mártir fala mais forte que o vivo. E ele falará por muito tempo".(O Padre Bonaventure conhecia Henrique desde sua juventude marista.)

Padre Bruno, Trapista. Roma, 8 de agosto de 1996:
"O que me impressiona no Irmão Henrique, e o que admiro particularmente, é sua aplicação ou sua abertura a uma formação permanente... Assim ele 'cresceu' continuamente em nível profissional, mas muito mais em nível humano, cristão e como Irmão Marista'.

Um amigo de Henrique escreveu ao Irmão Jean Roche, de Sour-el-Ghozlane, a 3 de dezembro de 1996:
"Devo dizer-lhe que as recordações de Henrique Vergès são e serão sempre lembradas pela família, nos nossos encontros de amigos e em nossas orações".

Um amigo argelino, a Jean-Benoît Fanjaud, que foi companheiro de Henrique em Ben-Cheneb. A 22 de setembro de 2000:
"Estou muito emocionado com a leitura de certas páginas. Uma vida santa na luz, e na oração, e no serviço. Todos os depoimentos que li nesse livro se juntam ao que sempre pensei do Irmão Henrique: era discreto, oculto, serviçal, de gentileza e

Visitando com o Irmão Michel Voute as irmãs Agostinianas espanholas de Bab-El-Oued (Argélia). Henri ladeado por Sr. Ester Paniaga (à esquerda) e Sr. Maria-Caridad Alvarez (à direita). As duas irmãs serão assassinadas no domingo, 23 de outubro de 1994.

trato tamanhos de fazerem encabular Reis e Pontífices.
É muito possível que já tenha perdoado a seus assassinos, pedindo a seu Pai celeste de lhes perdoar, como o Cristo na cruz".

Irmão François Chavanes, dominicano, de Oran-el-Maggari (Argélia), escreveu ao Irmão Provincial, a 4 de novembro de 2002, pedindo-lhe um exemplar do livro "Du Capcir à la Casbah":
"Conheci o Irmão Henrique quando ele era diretor da Escola Saint Bonaventure, na Argélia, depois quando se instalou na rua Ben Cheneb. Em 1987 ou 1988, o reencontrei no Focolare de Tlemcen, aonde viera com um grupo de jovens. Fiquei impressionado com a alegria tranqüila e toda simples que ele manifestava. Depois que ele partiu, eu me sentia felicíssimo e repetia para mim mesmo: 'Passei um dia com um santo'".

N.B. O livro *"Du Capcir à la Casbah, vie donnée, sang versé."* pode ser encontrado em Notre Dame de l'Hermitage:
• Frères Maristes, B.P. 9 – F. 42405 – Saint Chamond cedex, France
ou em Roma, com o Pstulador-Geral:
• Fratelli Maristi, C.P. 10250 – 00144 – Roma, Italy

Ó Pai, o Irmão Henrique Vergès
deu sua vida, no seguimento de Jesus,
na paciência do cotidiano,
sempre disponível à vossa vontade.

No meio dos jovens,
ele foi homem de fé e de bondade,
servo dos mais pobres e excluídos,
testemunha autêntica do amor de Cristo.

A seu exemplo, fazei de nós
homens e mulheres de diálogo
com nossos irmãos do Islão,
na discrição e no respeito.

Que a alegria pacificada e toda simples
que ele manifestava,
fruto de sua simplicidade de vida
e de sua proximidade com Maria,
habite em nós e atraia para vossa Igreja
aqueles que pondes em nosso caminho.

Nós vo-lo pedimos por Jesus, vosso Filho,
Nosso Senhor e nosso irmão.

Amém.